

TEMA 1 - ESCRITORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

II – Mário de Carvalho em discurso direto

<https://www.youtube.com/watch?v=1TOUtKK2i5M>

Nome: *Ler+, Ler Melhor*, Vida e obra de Mário de Carvalho

Fonte: RTP2

Duração: 10'46

Tipologia textual base: informativo/ opinião (programa televisivo de promoção da leitura e de autores portugueses, com base em entrevista)

Temas/ conteúdos: dados biográficos do escritor e início da vida literária; géneros literários, temas e estilo da sua escrita; aspetos da História e de cultura portuguesas do século XX, associados à sua vida (Cartilha de João de Deus; perseguições aos opositores do Estado Novo, prisão, tortura e exílio); breve reflexão sobre o futuro da literatura e do livro; usos do Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo

Situação comunicativa: oral espontâneo e formal

Objetivos:

- . identificar informação-chave
- . apreender vocabulário
- . detetar marcas do discurso oral
- . problematizar factos e ideias

Propostas de abordagem:

- . elicitação de sentidos a partir de projeção de três fotografias de Mário de Carvalho, para identificação do escritor (criança, adulto e detido pela PIDE)
- . visionamento da introdução efetuada pela jornalista
- . definição da tarefa a acompanhar o visionamento do 1.º excerto, sobre o nascimento e formação escolar do escritor, para listagem de informação autobiográfica
- . troca de impressões (pares) para completamento dos registos
- . definição da tarefa a acompanhar o visionamento do 2.º excerto, sobre a prisão e o exílio (texto lacunar)
- . 2.º visionamento para conclusão e deteção de passagens que suscitem mais dificuldades
- . identificação de marcadores do discurso oral (reforço – “não é?”; conclusão – “portanto”; explicação/reformulação – “digamos”)
- . definição da tarefa a acompanhar o visionamento do 3.º excerto para indicação da opinião do escritor sobre o futuro da literatura e do livro, para redação de um comentário discordante de ou concordante com esses pontos de vista

Transcrição

Eu nasci em Lisboa, na maternidade Alfredo da Costa, como uma boa parte dos lisboetas. Mas posso dizer-lhe que vim nascer a Lisboa, porque os meus pais já na altura moravam em Alvalade de Sado, que é uma vila no Alentejo. Pois logo a seguir fomos viver para Setúbal, onde eu estive até aos três anos, e de que curiosamente ainda guardo memória, apesar de alguns psicólogos dizerem que não há memórias anteriores aos três anos, eu tenho memórias ainda de passeios no Jardim Luísa Todi. Aos três anos viemos viver para Lisboa, para a Ajuda, para uma rua chamada Rua Coronel Pereira da Silva.

Eu aprendi a ler em casa, foi a minha mãe que me ensinou pela Cartilha do João de Deus, e ainda me recordo de uns versos que estavam no final da Cartilha de João de Deus. Recordo de os ver, não sei reproduzi-los exatamente de cor, e de algumas imagens. E quando fui para a escola aos cinco anos, mas era muito novo, era uma escola nas Amoreiras. Mas depois não pude continuar, tinha que esperar para fazer os seis anos. Depois fui para uma outra escola, também particular. Depois lá fiz a minha quarta classe, mais tarde fiz o curso no Gil Vicente até ao quinto ano, e depois passei para o Liceu Camões. Não havia o curso que eu tinha escolhido, as Letras, e pronto, depois fui para a Faculdade de Direito.

Eu encarei a minha prisão – a minha prisão e depois o exílio – como o preço, era um preço que se pagava, não é? Portanto, foi o preço da minha resistência, como foi para outros, como tinha sido para o meu pai já, não é? Portanto, sabia na altura em que andava envolvido no movimento político, concretamente nas no movimento estudantil, na resistência clandestina, eu sabia que mais tarde ou mais cedo isto iria acontecer. Foi num sábado à tarde, porque eu preparava-me para ir ao cinema, ia ver, curiosamente, A Confissão de Artur London. De maneira que, portanto, estavam à minha espera, à porta de casa, levaram-me para a António Maria Cardoso, e depois começou, digamos, aquela rotina, não é, dos interrogatórios, com a tortura do sono.

Nem sei se no futuro haverá, nem sei se no futuro haverá romances, não tenho nenhuma certeza sobre isso. Aliás, o futuro para mim é contrariamente opaco. Houve uma altura em que eu estava cheio de certezas em relação ao futuro, não é? Neste momento, não sei. A História tem-me enganado sucessivamente, não é, eu tenho assistido a coisas que nunca esperei, por que nunca esperaria. Eu assisti ao colapso da União Soviética, por exemplo.

Quanto à literatura, é um pormenor, no fundo. No meio disto tudo, não sei se as pessoas continuarão a ler livros em papel. Provavelmente não, provavelmente o futuro está nos e-books. Se as pessoas continuarão a ler livros, a ler a Guerra e Paz, por exemplo. Também é verdade que a morte do livro e a morte da narração já foi anunciada muitas vezes, e ele tem sempre reaparecido. Talvez mesmo que o livro em papel desapareça, talvez não desapareça o gosto pelas histórias, o gosto pelas grandes narrações.

ATIVIDADES

1. Ouça o excerto e preencha os espaços. A cada espaço corresponde uma palavra.

Eu encarei a minha prisão – a minha prisão e depois o exílio – como o preço, era um preço que _____ pagava, não é? Portanto, foi o preço da minha _____, como foi para outros, como tinha _____ para o meu pai já, não é? Portanto, sabia na altura em que andava _____ no movimento político, concretamente no movimento _____, na resistência clandestina, eu sabia que mais _____ ou mais cedo isto iria acontecer. Foi num sábado à tarde, porque eu preparava-me para ir ao cinema, ia ver, curiosamente, *A Confissão* de Artur London. De _____ que, portanto, estavam à minha espera, _____ porta de casa, levaram-me para a António Maria Cardoso, e depois começou, digamos, _____ rotina, não é, dos interrogatórios, com a _____ do sono.

Quanto à literatura, é um _____, no fundo, no meio disto tudo. Não sei se as pessoas continuarão a _____ livros em papel. Provavelmente não, provavelmente o _____ está nos *e-books*. Se as pessoas _____ a ler livros, a ler a *Guerra e Paz*, por exemplo. _____ é verdade que a morte do livro e _____ morte da narração já foi anunciada _____ vezes, e ele tem sempre reaparecido. _____ mesmo que o livro em papel desapareça, talvez não desapareça o gosto _____ histórias, o gosto pelas grandes _____.

2. A partir da audição da entrevista a Mário de Carvalho, assinale com uma cruz (X) as afirmações como verdadeiras (V) ou falsas (F).

	V	F
1. As memórias da infância do escritor recuam até aos três anos de idade.		
2. A leitura começou a ser desenvolvida na escola, pela Cartilha.		
3. O escritor iniciou o seu percurso escolar com seis anos.		
4. No liceu, acabou por frequentar um curso que lhe deu acesso à Faculdade de Direito.		
5. A polícia prendeu Mário de Carvalho antes de chegar a casa.		
6. Para o autor, o futuro será marcado pelas certezas das mudanças.		